

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA | SESSÃO DE ANTECIPAÇÃO

15 de Outubro de 2024

BROADWAY BY LIGHT / 1958

Realização, Fotografia, Montagem (35 mm): William Klein Texto inicial: Chris Marker Conselheiro técnico: Alain Resnais Música: Maurice Leroux.

Produção: Argos Films (França, 1958) Produtor executivo: A. Dauman Cópia: Tamasa, 35 mm, cor, sem diálogos, texto inicial em francês sem legendas, 10 minutos Inédito comercialmente em Portugal, Primeira exibição na Cinemateca: 1 de Junho de 2018, com Qui êtes-vous, Polly Maggoo? ("24 Imagens: Cinema e Fotografia | Géneros do Fotográfico").*

** Traduz-se em português o breve texto francês do cartão inicial*

Os americanos inventaram o jazz para se consolarem da morte, a estrela para se consolarem da mulher. Para se consolarem da noite, inventaram a Broadway. Todas as noites, no centro de Nova Iorque, levanta-se um dia artificial. O seu objecto é anunciar espectáculos, soprar produtos, e os inventores destes letreiros muito se espantariam se soubessem que o espectáculo mais fascinante, o objecto mais precioso é a rua transfigurada pelos seus sinais. Este dia tem os seus habitantes, as suas sombras, os seus milagres, as suas cerimónias. Tem também o seu Sol...

GRANDS SOIRS & PETITS MATINS / 1968-78

Realização, Câmara: William Klein Fotografia (16 mm ampliado para 35 mm): William Klein, Bernard Lutic Som (mono): Harald Maury Mistura som: Antoine Bonfanti Montagem: Catherine Binet, Valérie Mayoux, Nelly Quettier, Ragnar Van Leyden Assistente de realização: Bernard Zitzerman Com: Daniel Cohn-Bendit, Renaud, Alain Resnais, Chris Marker, etc. (não creditados).

Produção: Films Paris-New York com a participação do INA (França, 1968-78) Título na cópia: Grands soirs & petits matins. Extraits d'un film qui aurait du exister... Título alternativo: Grands soirs et petits matins Título internacional: Mayday Inédito comercialmente em Portugal, Editado em DVD pela Midas Filmes, em 2008, com o título português Noites Longas, Manhãs Curtas ("coleção Maio 68'40 anos depois") Cópia: ARTE, ficheiro digital, preto-e-branco, falado em francês e legendado electronicamente em português, 93 minutos Primeira exibição na Cinemateca.

filmes de WILLIAM KLEIN

A retrospectiva "William Klein à luz do cinema", organizada pela Cinemateca em colaboração com o MAAT – Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia articulado com a exposição "O Mundo Inteiro É Um Palco", decorre na Cinemateca em Janeiro de 2025. No MAAT, a exposição comissariada por David Company está patente até 27 de Janeiro. A última página desta "folha" inclui o programa e calendário previstos.

sessão apresentada por Sérgio Mah

BROADWAY BY LIGHT é um grande filme de curtos 10 minutos. Vê-se no esplendor da projecção 35 mm de uma bela cópia e dá-se imediatamente razão aos comentários hiperbólicos que o descrevem como uma pequena obra-prima, ou à tirada de Orson Welles que se lhe "agarrou" proferindo-o "o primeiro filme que vi em que a cor é absolutamente necessária". É. Não é por replicação pura e dura que a descrição mais comum do primeiro filme de William Klein refere *um estudo da cor*. Os focos de luz, as intermitências luminosas da noite cosmopolita reflectem-se e imprimem-se no comprimento de onda de raios electromagnéticos produzindo impressões visuais de veras impressionantes. Pelas qualidades plásticas, nas combinações, no encadeamento, progressivamente concentrado na dança de luz e cor de um cenário nocturno pontuado pela proliferação dos letreiros que as difundem.

Nova Iorque, a Broadway, Times Square, a praça de cruzamentos e esquinas a que requisitos publicitários deram a silhueta luminosa que emoldura à exaustão as fachadas dos edifícios, arranhando ou não os céus do centro de Manhattan. Dos mais fotografados lugares do planeta, a Broadway é alvo das câmaras de filmar desde, pelo

menos, o cinetoscópio de Thomas Edison (imagens de 1896), o que pode aferir-se em *STAR THEATRE* (American Mutoscope and Biography Company, 1901, *paper print* da coleção da Library of Congress), que dá a ver a demolição desse teatro ao longo de um mês num minuto de fotografia em *time-lapse*. William Klein escolheu-a como motivo – significativamente a *Broadway à luz* e não a *Broadway à noite*. O motivo é nocturno porque iluminado. Já o também fotógrafo Rudy Burckhardt filmara Nova Iorque iluminada pelos letreiros néon e de lâmpadas multicoloridas à noite, no segmento a cores de *THE CLIMATE OF NEW YORK* (1948), de resto um retrato a preto-e-branco da cidade. William Klein aproxima-se mais ainda das descargas luminosas dos letreiros néon, das lâmpadas, das cores, como se em *raccord* com os últimos grandes planos dessa sequência de Burckhardt.

Pode falar-se, com razão, na formação pictórica do fotógrafo americano que se “fez” parisiense e trabalhou no estúdio de Fernand Léger depois da Segunda Guerra em que cumpriu serviço. Lembrar-se que William Klein se iniciou na fotografia fotografando murais de formas geométricas e notando o que a fotografia revelava dessas composições geométricas, “um outro tipo de trabalho com formas”. Pode referir-se a confluência do espírito da Nouvelle Vague francesa, permitida pelos créditos a Anatole Dauman, Alain Resnais e Chris Marker, e da *pop art* americana em emergência. Mas pode também simplesmente notar-se o apelo visual da sensibilidade atenta à matéria citadina de Nova Iorque, e nesse caso pensar-se ainda noutro filme de fotógrafo, *WEEGEE’S NEW YORK* (1948-1954). Nesse seu também curto e espantoso filme, Weegee dedica um primeiro segmento a imagens coloridas de vaga alucinação *pop avant la lettre* de Manhattan recortada, sobre-exposta, colorida, intermitentemente luminosa na noite. Há uma electricidade que se alia à trepidação da cidade em ambos os filmes, por distintos que sejam e por distintas que sejam as Nova Iorque de Weegee e de Klein. É curioso notá-lo, como curioso é o facto de, tanto um como outro, surgirem, não “de”, mas “depois de” livros de fotografia importantes dos respectivos autores e na história da fotografia – Weegee publicou *Naked City* em 1945; William Klein publicou *Life is good and good for you in New York: Trance Witness Revels* ao arrepio do gosto em 1956, em França, nas ed. du Seuil, de onde, aliás, veio a colaboração francesa para *BROADWAY BY LIGHT* (a edição americana tardaria acompanhando o tardar do interesse dos editores).

Lembra William Klein que foi Alain Resnais quem, sugerindo-lhe o cinema, deu a ideia, além de dar a cara; Anatole Dauman deu os meios para a montagem e a pós-produção; Chris Marker, que era seu amigo, contribuiu com o breve texto do cartão inicial acima transcrito. Klein surge em *LA JETÉE* (1963) e era admirador do cinema de Chris Marker. Já trabalhara como assistente de Federico Fellini em *CABIRIA* (1956) e como consultor artístico em *ZAZIE DANS LE MÉTRO*, de Louis Malle (1960), mas, via Marker, foi Resnais quem o impulsionou. Klein pegou numa câmara alugada e foi filmar letreiros luminosos à noite. Quis realizar um filme que fosse “o oposto do meu livro sobre Nova Iorque, muito criticado pelo lado duro, a preto-e-branco, lamacento, do retrato da cidade (...), o oposto visualmente, mas que dissesse as mesmas coisas. *BROADWAY BY LIGHT* era uma espécie de *ready-made* à Duchamp. Filmei todos os ciclos das luzes da Broadway, que na realidade eram comerciais [...]. É a primeira coisa que os turistas procuram e fotografam ou filmam e é, na verdade, uma lavagem ao cérebro. Estas luzes e signos, Pepsi-cola e Coca-cola e por aí adiante, tornaram-se o ABC da pintura pop e da fotografia”.

É evidente que a crítica da sociedade de consumo paira sobre *BROADWAY BY LIGHT*, como de resto insufla *QUI EST-VOUS, POLLY MAGGOO?*, primeira incursão declarada na ficção de William Klein oito anos mais tarde. O tom do texto que abre o filme de 1958 para aí remete invocando a necessidade de consolo e o dia artificial de todas as noites do centro nova-iorquino ao serviço de mercadorias num espetáculo transfigurador da paisagem urbana. A ironia torna-se transparente quando às reticências que se seguem à alusão do “Sol” desse dia artificial no cartão a negro sucede a imagem em grande plano do símbolo redondo da Pepsi-cola, mas a verdade é que a rima se vai esbatendo no fluxo dos planos a favor da imersão numa energia que resiste ao subtexto pelo magnetismo da luminância e do colorido. Os letreiros luminosos cumprem o seu trabalho. Há homens, silhuetas de homens, empoleirados que os acertam, apertando lâmpadas ou construindo palavras com as letras tridimensionais com que se escrevem os títulos dos filmes ou espectáculos em cena a cada noite. *BROADWAY BY LIGHT* também é, portanto, um pequeno ensaio sobre uma sociedade de imagens.

Nesta sessão de 2024, ano do elogio de Abril de 1974 – na Cinemateca atravessado pelo programa em quatro eixos, “Que Farei Eu com Esta Espada?” com foco na *liberdade, comunidade, revolução, futuro – Broadway by Light* antecede o revolucionário *Grands soirs & petits matins. Extraits d’un film qui aurait du exister...* tem outro epicentro: Paris, Maio de 68, a revolução. Filmado durante os confrontos de Maio de 1968, e só concluído em 1978, corresponde ao que o subtítulo fixa como *fragmentos de um filme que devia ter existido. O filme que existe* organiza-se em duas partes, pontuado por cartões com palavras e sinais gráficos, que sinalizam a cronologia e identificam os espaços dos acontecimentos, devolvendo a vibração “de um dos momentos mais enérgicos da contestação política francesa do século XX” no Quartier Latin, em Saint Michel, na Sorbonne (onde Klein se inscrevera em 1948, à chegada a Paris), no Odéon, no estádio Charléty, etc., aproximando as investidas de estudantes e trabalhadores-grevistas que contestam os agentes (ou os símbolos) da autoridade, e munindo o espaço público de pregões, grafitis, que fizeram história. “Sejamos realistas, exijamos o impossível.” Ou, numa declinação de um dito mais antigo, “A Humanidade só será feliz no dia em que o último burocrata for enforcado nas tripas do último capitalista.”

As imagens “em cinema directo” de William Klein, a preto-e-branco, câmara à mão, mostram a multidão, as ruas apinhadas, encontros espontâneos entre estudantes, trabalhadores, sindicalistas de todas as idades, reuniões e debates, manifestações, barricadas, ocupações... como mais ou menos desfiam as notas sobre *Grands soirs & petits matins*: à voz de populares, juntos nas ruas por esta vez, da primeira parte – Maio de 68 no Quartier Latin –, sucede, na segunda – *Os últimos dias de Maio* – a intromissão do discurso do poder, o discurso de De Gaulle aqui enquadrado-desenquadrado em imagens da transmissão televisiva. A imagem vacilante do plano do televisor que transmite o discurso do Presidente da República, com oscilações de enquadramento, perturbações e distorções, é um eloquente achado. As canções revolucionárias e as máximas parisienses da época encontram, antes, a clareza da enunciação verbal ou escrita em marchas e cartazes. Bela sùmula dos acontecimentos de Maio, e de algumas das suas imagens-estandarte e palavras de ordem, o filme de Klein é também um precioso documento de reverberação continuada. Lembre-se o que lhe deve, por exemplo, *No Intenso Agora* de João Moreira Salles (2017), composto por imagens de arquivo, amadoras, filmadas pela mãe na China, em 1966, e de títulos documentando o Maio de 68 ou a Primavera de Praga, como este filme de Klein (o que terá sucedido na sequência do encontro do realizador, em Lisboa, com a edição DVD portuguesa de *Noites Longas, Manhãs Curtas, Morrer aos 30 Anos* de Romain Goupil e *Golpe por Golpe* de Marin Karmitz).

“A política surgiu tarde na minha vida, durante a guerra da Argélia, e de forma muito intensa durante a intervenção americana no Vietname. E, em Maio de 1968, tinha eu quase 40 anos, sofri uma espécie de crise política de meia-idade. Afastei-me dos filmes mais ou menos *mainstream* para pôr a minha câmara de filmar ao serviço daqueles que não têm voz.” Referindo o momento deste filme, a passagem de Klein é repescada de uma citação do texto de David Company no catálogo agora editado pelo MAAT (*William Klein O Mundo Inteiro É Um Palco*, 2024). Se o cinema começara, para o artista-fotógrafo, em 1958, se entretanto realizara as longas *Qui êtes-vous Polly Maggoo?* ou *Mr. Freedom*, além de curtas e médias documentais com incursão na moda, o embate directo com a política dera-se em 1967, no colectivo *Loin du Vietnam*. Na sua filmografia são títulos que alinham especialmente com *Festival panafricain d’Alger* (1960) e *Eldridge Cleaver: Black Panther* (1970). Mas Company também nota, a propósito de *Cassius Clay Champion du monde* (1964) – e vale a pena voltar a citar: “Ao contrário da maioria dos cineastas, que se deixavam hipnotizar pelo carisma do pugilista, Klein revelou a relação de Clay com a cultura do boxe, com Malcolm X, com o Islão e com o circo frenético em torno da figura da celebridade americana moderna. Hoje em dia, esta circunspeção na realização de documentários é comum, mas Klein esteve na vanguarda de um novo cinema documental assente no *cinéma vérité*. [...] Pare-se um filme de William Klein em qualquer momento, afirmou o realizador Chris Marker, e ver-se-á «uma fotografia de Klein com a mesma desordem aparente, o mesmo excesso de informação, de gestos e de olhares que apontam em todas as direcções, mas que são, mesmo assim, regidos por uma perspectiva organizada e rigorosa».”

A continuar em Janeiro, filme a filme.

Maria João Madeira

WILLIAM KLEIN À LUZ DO CINEMA

Janeiro 2025

*Títulos programados**

Broadway by Light, 1958 10'
Le business et la mode, 1962 15'
Les troubles de la circulation, 1962 15'
Gare de Lyon, 1963 12'
Cassius Clay Champion du monde, 1964 15'
Qui êtes-vous, Polly Maggoo?, 1966 102'
Mr. Freedom, 1968 95'
Muhammad Ali the Greatest, 1969-74 115'
Festival Panafrican d'Alger, 1969 110'
Eldridge Cleaver, Black Panther, 1970 75'
Le couple témoin / The Model Couple, 1977 101'
The French, 1982 130'
Contacts, 1989 15'
Babilée 91, 1991 63'
In and Out of Fashion, 1994 88'
Dans et dehors de la mode, 1998 85'
Messiah / Le Messie, 1999 117'

*Calendário e sessões **

Sáb. [4 Janeiro 2025] 17:30 | sala M. Félix Ribeiro
Sex. [10 Janeiro 2025] 21:30 | sala M. Félix Ribeiro
Broadway by Light, 1958 10'
Mr. Freedom, 1968 95'

Ter. [7 Janeiro 2025] 19:00 | sala M. Félix Ribeiro
Ter. [14 Janeiro 2025] 21:30 | sala M. Félix Ribeiro
Les troubles de la circulation, 1962 15'
In and Out of Fashion, William Klein, 1994 88'

Qui. [9 Janeiro 2025] 19:00 | sala M. Félix Ribeiro
Qua. [15 Janeiro 2025] 15:30 | sala M. Félix Ribeiro
Le business et la mode, 1962 15'
Qui êtes-vous, Polly Maggoo? 1966 102'

Seg. [13 Janeiro 2025] 19:30 | sala Luís de Pina
Qui. [23 Janeiro 2025] 19:00 | sala M. Félix Ribeiro
Gare de Lyon, 1963 12'
The French, 1982 130'

Sex. [17 Janeiro 2025] 19:00 | sala M. Félix Ribeiro
Seg. [27 Janeiro 2025] 19:00 | sala M. Félix Ribeiro
Contacts, 1989 15'

Cassius Clay Champion du monde, 1964 15'
Babilée 91, 1991 63'

Sex. [17 Janeiro 2025] 21:30 | sala M. Félix Ribeiro
Sáb. [25 Janeiro 2025] 18:00 | sala M. Félix Ribeiro
Muhammad Ali the Greatest, 1969-74 115'

Sáb. [18 Janeiro 2025] 17:30 | sala M. Félix Ribeiro
Ter. [21 Janeiro 2025] 15:30 | sala M. Félix Ribeiro
Festival Panafrican d'Alger, 1969 110'

Seg. [20 Janeiro 2025] 19:00 | sala M. Félix Ribeiro
Qua. [22 Janeiro 2025] 19:30 | sala Luís de Pina
Eldridge Cleaver, Black Panther, 1970 75'

Ter. [21 Janeiro 2025] 19:00 | sala M. Félix Ribeiro
Sex. [24 Janeiro 2025] 15:30 | sala M. Félix Ribeiro
Le couple témoin / The Model Couple, 1977 101'

Sex. [24 Janeiro 2025] 21:30 | sala M. Félix Ribeiro
Seg. [27 Janeiro 2025] 15:30 | sala M. Félix Ribeiro
Messiah / Le Messie, William Klein, 1999 117'

** programa sujeito a alterações*